

Foto: Lustre Art Group/Adobe Stock

Alzheimer

Problemas na visão podem ser sinal precoce de Alzheimer, antes da perda de memória; entenda

Prejuízo na sensibilidade visual pode ser um indicador da condição, segundo estudo britânico; veja como se manifesta

Foto: PumpedVisuals / Adobe Stock

Sensibilidade visual

Isso inclui desde a menor capacidade de reconhecer objetos e rostos até sufoco para conseguir ler uma placa na rua que está mais distante, por exemplo.

Foto: WavebreakMediaMicro /Adobe Stock

Causas

Estudos anteriores já haviam apontado alterações nos olhos de pessoas com Alzheimer, como resultado de danos nos vasos sanguíneos dessa região da face.

Foto: TheepatheepKawinpathawee/Adobe Stock

Causas

Além disso, identificaram a presença de placas beta-amiloide na retina e no cristalino (lente) dos olhos. O acúmulo dessas placas no cérebro está fortemente associado a um maior risco de Alzheimer.

Foto: Stevica Mrdja/Adobe Stock

E agora?

Com essas informações, pesquisadores esperam que, futuramente, um exame visual possa prever o Alzheimer com anos de antecedência.

Foto: LIGHTFIELD STUDIOS/Adobe Stock

Avanço na área

Para Diogo Haddad, neurologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, essa é uma perspectiva promissora, mas há desafios. Ele reforça que essas previsões precisam incluir também fatores genéticos, comportamentais e ambientais para garantir sua precisão.

Foto: /Adobe Stock

A bióloga esteta Sandy Bernardes, 25, foi diagnosticada com meningite bacteriana em 2023. O quadro causou surpresa pela causa e por ser mais comum em crianças. Bernardes desenvolveu a doença após ter uma sinusite que se agravou para uma pansinusite. Ela chegou a ficar em coma e os médicos prepararam a família para o pior.

"Na última semana de junho de 2023, comecei a sentir fortes dores no corpo e na cabeça, febre alta e sensibilidade à luz", lembra. Ao procurar pelo pronto-socorro, o médico suspeitou tratar-se de sinusite e liberou a paciente com uma prescrição de antibiótico.

A moradora de Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul, relata que o hemograma feito na emergência já acusava algo errado. Ela estava com os leucócitos em 20.000 (o valor de referência é de 3.500 a 10.000 mmm³) e o PCR, em 320 (o valor de referência é abaixo de 0,3 mg/dL).

"No dia 28 de junho, minha mãe, muito preocupada comigo, chegou na minha casa e tocou a campainha para ver como eu estava. Com muito custo, acordei. Estava com o rosto inchado e os sintomas agravados. Minha mãe me levou mais uma vez ao hospital", conta. Bernardes lembra que passou horas fazendo exames e recebendo medicação na veia, mas teve alta novamente.

Ao chegar em casa, o pior aconteceu. "Tive uma convulsão no sofá. Ainda bem que foi na presença da minha família. Me levaram às pressas para o hospital novamente, e fui direto para a UTI, já inconsciente", relata.

O período na unidade de terapia intensiva foi desafiador para os familiares. Bernardes estava em coma, entubada e isolada, pelo receio de ser algo contagioso. "No dia mais crítico, o médico teve uma conversa séria com a minha mãe. Falou que meus sinais vitais estavam baixos e que era para ela ser forte se eu não aguentasse, pois eles estavam fazendo de tudo para me salvar", relata.

A investigação médica levou ao diagnóstico de meningite bacteriana causada por uma pansinusite. "Foi algo que os médicos consideraram raro por dois motivos: minha idade e pela causa da meningite", explica.

Pansinusite aguda e a relação com a meningite bacteriana

A otorrinolaringologista Nayyara Carreiro, do Hospital São Luiz Anália Franco, explica que a pansinusite consiste na inflamação de todos os seios da face. Os principais sintomas associados à condição são:

- Dor nos seios da face;
- Congestão nasal;
- Secreção nasal espessa;

"Essa secreção pode escorrer em direção a garganta, que é o que chamamos de gotejamento nasal posterior, e causar a tosse. Alguns pacientes podem, em quadros mais avançados, apresentar dor no corpo, mal-estar e febre", completa Carreiro.

A pansinusite costuma derivar da sinusite que, por sua vez, é a evolução de um resfriado comum. "No geral, os quadros virais vão melhorar em torno do quinto dia. Pacientes que começam a ter uma piora nesse período são aqueles que estão evoluindo para um quadro de sinusite aguda bacteriana, como a pansinusite", detalha a otorrinolaringologista.

O tratamento da pansinusite consiste em lavagem nasal e medicações para desinflamar a mucosa do nariz e dos seios da face. No entanto, há casos, como o de Bernardes, em que a doença não é contida e evolui. Uma dessas complicações pode ser intracraniana, como a meningite.

+ Saúde: 'Me tratei por dez anos para esclerose múltipla, mas na verdade tinha tido um AVC'

"A sinusite pode levar à meningite se as bactérias se espalharem dos seios nasais para as membranas que envolvem o cérebro (meninges). Isso pode ocorrer devido à proximidade anatômica entre as

estruturas", explica a neurologista Fernanda Herculano, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

Sintomas e tratamento da meningite

Segundo a especialista, a meningite pode ocorrer em qualquer idade. Mas é mais comum em crianças menores de cinco anos. Os principais sintomas da condição são:

- Febre alta;
- Dor de cabeça intensa;
- Rigidez no pescoço com dificuldade de encostar o queixo no peito;
- Mal-estar;
- Náusea e/ou vômitos;
- Confusão mental;
- Sensibilidade à luz.

"Em alguns casos, podem ocorrer erupções cutâneas como manchas vermelhas no corpo", completa a neurologista.

No diagnóstico de meningite, o paciente deve ser rapidamente encaminhado para a emergência hospitalar. O tratamento consiste principalmente no uso de antibióticos na veia para combater a infecção, mas também pode ser combinado com corticoides para reduzir a inflamação das meninges.

"É essencial que o tratamento seja iniciado o mais rápido possível para melhorar as chances de recuperação e reduzir o risco de complicações", alerta Herculano. Durante o coma de cinco dias, Bernardes, por exemplo, teve três acidentes vasculares cerebrais bilaterais.

As chances de a bióloga esteta ter sequelas eram grandes, mas não foi o que aconteceu. "Sai da UTI andando devagar, falando baixinho e sorrindo sem força, muito debilitada, porém viva", lembra.

Bernardes ficou sete dias na UTI e mais 15 na enfermaria. "Tive alta em 19 de julho, mesmo dia do meu aniversário de dois anos de casamento. Essa data ficou mais que marcada na minha vida", comemora.

A lição que tive de tudo isso é que somos perecíveis. Não sabemos o dia e nem a hora que vamos partir. Minha gratidão a Deus será eterna, porque só eu e Ele sabemos o que eu vivenciei"

— Sandy Bernardes, bióloga esteta

Pouco mais de um ano após trazer ao Brasil o REZUM, técnica inovadora usada para tratar a Hiperplasia Benigna da próstata (HBP), ou próstata aumentada, o urologista Carlo Passerotti comemora os primeiros resultados do procedimento.

“Foram mais de 100 pacientes tratados, com uma redução de cerca de 30% a 40% da próstata. Isso significa uma melhora considerável da qualidade de vida dessas pessoas”, diz Passerotti, coordenador do serviço de Urologia e Cirurgia Robótica do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Como funciona o REZUM

O médico explica que o procedimento é simples, pouco invasivo, e realizado em ambiente ambulatorial, sem necessidade de internação.

“Injetamos vapor de água, a aproximadamente 100° C, dentro da próstata. Com isso, ela murcha, as células regridem, e temos uma diminuição da obstrução”, explica o urologista. “O paciente é liberado no mesmo dia”, conta.

Veja, aqui, um vídeo sobre a técnica.

Casos clínicos

Estima-se que a HBP acometa cerca de 50% dos homens acima de 50 anos – prevalência que aumenta com a idade, podendo chegar a 80% nos indivíduos entre 70 e 80 anos.

Paciente de Passerotti, Zolder Stekhardt, de 50 anos, começou a sentir os primeiros sintomas da HBP em 2021 – entre eles dor, sensibilidade aumentada, alteração do fluxo urinário e sensação de que a bexiga não esvaziava por completo.

A condição se agravou no ano passado. Foi quando Stekhardt decidiu, então, procurar o médico para se submeter ao REZUM. “Eu fiquei surpreso com a rapidez do procedimento. Horas depois, eu já estava na minha casa”, diz Stekhardt.

Embora tenha tido de usar sonda por alguns dias, ele comemora o resultado da cirurgia. “A recuperação e a cicatrização foram ótimas. Dois meses após a cirurgia, eu já me sentia mais confiante, sem dor e 100% apto a retornar às minhas atividades físicas.”, observa.

Outro paciente que se beneficiou do método REZUM foi Renato Monteiro, de 63 anos. Apesar da ansiedade que antecedeu a cirurgia, ele destaca que o cuidado médico fez toda a diferença. “Durante a consulta, o Dr. Passerotti me falou sobre o tratamento, inclusive utilizando um vídeo ilustrativo, o que facilitou a compreensão”, lembra.

Às pessoas que sofrem com a mesma condição que acometeu Stekhardt e Monteiro, Passerotti fala sobre a importância de, aos primeiros sinais da doença, procurar ajuda médica.

“É um procedimento relativamente simples e que pode auxiliar os pacientes com hiperplasia a ter uma melhora na qualidade de vida sem os efeitos colaterais comuns que o uso dos remédios e outros

Técnica inovadora melhora qualidade de vida de pacientes que sofrem com aumento da próstata

7/26/2024 | EU RIO/RIO DE JANEIRO | [Clique aqui para visualizar a notícia no navegador](#)

Continuação

procedimentos que existem causam”, diz o médico.

Muita gente prefere sapatos baixos para o dia a dia, principalmente após os meses de isolamento forçados pela pandemia em que andar descalço, de meias ou chinelos fez parte da rotina de uma boa parcela da população.

Porém, ao contrário do que muitos acreditam, Carolina Cunha Moraes Accioly, ortopedista do Hospital Português, em Salvador, afirma que esses modelos apresentam um falso conforto: “Não é novidade que o uso contínuo de salto alto faz mal à coluna, no entanto, as rasteirinhas e os chinelos também causam dores, pois não amortecem o impacto durante a caminhada, o que leva a desgastes nas cartilagens dos tornozelos, joelhos, quadris e lombar. Andar um longo trajeto com esses modelos, sem o devido amortecimento, pode levar a dores nas regiões lombar e dorsal.

A dor é desencadeada pela sobrecarga das estruturas ligamentares e articulares, em geral previamente acometidas, e afeta tanto mulheres quanto homens. “A coluna tem um equilíbrio que é mantido pela inclinação da pelve, pela lordose lombar e cervical e pela cifose dorsal —curvatura normal da coluna. Qualquer alteração em uma dessas curvas interfere nas demais e gera sobrepeso nas articulações e ligamentos”, esclarece Marcelo Risso, ortopedista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, de São Paulo.

Características como lordose, encurtamento da musculatura posterior lombar e nos membros inferiores e patologias degenerativas levam a reclamações no uso de calçados mais baixos. Para essas pessoas, a recomendação dos especialistas é optar por modelos com um pouco de altura.

“O que se sabe é que pessoas sedentárias, obesas e que não realizam alongamentos sentem-se mais confortáveis com o uso de salto, pois o corpo fica mais equilibrado e, de uma forma ou de outra, força-se menos a musculatura dos membros inferiores e a coluna lombar”, explica Eduardo Araujo Pires, ortopedista especialista em cirurgia do pé e tornozelo e chefe da disciplina de pé e tornozelo da Unisa (Universidade Santo Amaro).

De olho nos pés

A ortopedista do Hospital Português explica que os pés são responsáveis pelo suporte do peso do corpo e pelo deslocamento e sofrem impacto diário durante as atividades, que é transmitido para as outras articulações dos membros inferiores e para a coluna vertebral.

“Na região plantar do pé existe uma estrutura fibrosa chamada fásia plantar, que é a mais afetada. Esse tecido pode passar por um processo inflamatório que evolui para fascite plantar, que tem como consequências a dificuldade para caminhar e a mudança da biomecânica da marcha, que propicia uma pisada inadequada, ocasionando dores articulares crônicas e lesões na coluna, em especial, na região lombar”, diz Accioly.

Saltos altos também são danosos

Segundo Andre Liggieri, ortopedista, professor do curso de dor do HC-FMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), os sapatos altos com bico fino são bastante

perigosos do ponto de vista biomecânico.

Eles não possuem uma parte de trás, a do retropé, para garantir uma base confortável e que amortecia o impacto. Além disso, no antepé —a área anterior do pé—, os dedos ficam espremidos e não funcionais. Com isso, ocorre o aumento de carga que se tem na região dos metatarsos (parte do meio do pé).

“A metatarsalgia tem uma relação muito grande com o uso do salto alto. Daí, muitas pessoas que usaram esses exemplares a vida toda reclamam de dor nas costas e nos joelhos”, explica o professor Liggieri. O bico fino causa, ainda, calosidades e joanetes em muitas pessoas. Os especialistas dão algumas dicas para melhorar o conforto dos pés e não provocar distúrbios:

Dar preferência a sapatos com elevação entre 2 e 5 cm, com solado firme, com bom apoio ao arco plantar, palmilha macia e acolchoada, e bem ajustados ao pé; Os saltos baixos colaboram na redução das dores nas regiões da panturrilha, do tendão de Aquiles e na região plantar, e conferem alívio aos pés femininos e masculinos;

É importante alternar os modelos de calçados para descansar e evitar incômodos e esforços constantes em apenas uma região do pé; As atividades físicas regulares com alongamentos associados fortalecem e melhoram os encurtamentos e desequilíbrios musculares.

“Sempre que tiver uma dor no pé ou na coluna que persista, com piora progressiva ou que evolua com algum formigamento ou perda de força nos membros inferiores, é preciso procurar de forma imediata um pronto-socorro ou um médico de confiança para que uma avaliação seja feita”, orienta Pires.

Fontes: Andre Liggieri, ortopedista, professor do curso de dor do HC-FMUSP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), membro do comitê de dor da SBOT (Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia) e membro da SBRET (Sociedade Brasileira de Regeneração Tecidual); Carolina Cunha Moraes Accioly, ortopedista do Serviço de Ortopedia do Hospital Português, em Salvador, membro da SBOT e membro da ABTPé (Associação Brasileira de Medicina e Cirurgia do Tornozelo e Pé); Eduardo Araujo Pires, ortopedista especialista em cirurgia do pé e tornozelo e chefe da disciplina de pé e tornozelo da Unisa (Universidade Santo Amaro); e Marcelo Risso, ortopedista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Uma em cada dez mulheres em idade reprodutiva sofre de endometriose – quadro no qual o tecido que reveste o interior do útero cresce fora de seu local normal. A doença aparece em trompas, ovários, na superfície do intestino ou em qualquer órgão abdominal, causando dor importante e podendo afetar a fertilidade.

Não obstante este quadro clínico, um estudo publicado há poucos dias na revista Jama por cientistas da Universidade de Utah, nos Estados Unidos, liderados pelo doutor M. Barnard, identificou o aumento (quase o dobro) do risco de as portadoras de endometriose desenvolverem câncer de ovário.

Este texto não representa, necessariamente, a opinião de CartaCapital.

Riad Younes

Médico, diretor do Centro de Oncologia do Hospital Alemão Oswaldo Cruz e professor da Faculdade de Medicina da USP.

A Anvisa e o Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC), por meio de sua Diretoria Executiva de Sustentabilidade e Responsabilidade Social e de sua Faculdade de Educação em Ciências da Saúde, por intermédio do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde (Proadi-SUS) do Ministério da Saúde (MS), tornam pública a lista, em ordem alfabética, dos indicados a participar como discentes nas Turmas 01 (A) e 02 (B) do Curso de Especialização em Ciência de Dados e Inteligência Artificial - Lato Sensu, na modalidade presencial e de forma híbrida.

Confira a relação dos selecionados.

Nesta quinta-feira (25), é comemorado o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. Para celebrar a data, o Ministério da Saúde fará uma projeção no edifício do Congresso Nacional, a partir das 18 horas, em reconhecimento à contribuição das mulheres negras para o avanço da saúde no Brasil.

No Brasil, as negras representam 60,9% das usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com Pesquisa Nacional de Saúde 2020, do IBGE. Apesar de compor a maioria, esse grupo populacional enfrenta desafios únicos diante de fatores raciais e de gênero. Por isso, um dos focos da ação é dar visibilidade e ampliar a discussão acerca da promoção da saúde da mulher negra – uma das prioridades para a pasta.

Entre os profissionais do SUS, 67% são mulheres

Dados da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES) apontam que as mulheres representam a maioria (67%) entre os trabalhadores do SUS. Somente na rede pública, são mais de 2,1 milhões de mulheres. Por isso, além de reconhecer a sua contribuição, a pasta tem trabalhado na superação das desigualdades em saúde. Um dos exemplos é o Programa Nacional de Equidade de Gênero, Raça, Etnia e Valorização das Trabalhadoras no SUS.

Políticas de equidade

O programa, que conta com parceria com o Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC), faz parte do compromisso assumido pelo governo federal de enfrentamento às desigualdades de gênero, raça e etnia no âmbito do trabalho no SUS. Ele prevê políticas de equidade, com ações de saúde mental e gênero, acolhimento no processo de maternagem, enfrentamento a violências relacionadas ao trabalho, formação e educação permanente.

A estimativa é que as ações previstas impactem, direta ou indiretamente, 2,1 milhões de mulheres trabalhadoras da saúde em exercício no Brasil, bem como nos processos formativos de estudantes de todos os cursos da saúde. Uma das ferramentas do programa é o aplicativo SUS Digital, que conta com a funcionalidade Equidade SUS para auxiliar trabalhadores no combate a episódios de violência, preconceito e discriminação no SUS.

Para desenvolver esse serviço digital, o Ministério da Saúde ouviu trabalhadoras e usuárias do SUS, representantes de comunidades, profissionais de tecnologia e gestoras da saúde para garantir que o aplicativo atenda às necessidades reais do público-alvo.

Nadja Alves dos Reis

Ministério da Saúde

Uma plataforma desenvolvida pelo Hospital Sírio-Libanês, a Mangará, promete melhorar a experiência de pacientes e profissionais de saúde do sistema único (SUS) nas interações durante consultas virtuais. O sistema coleta de dados de desfecho e integração entre agenda e prontuário, e tem capacidade de integrar diferentes profissionais em uma mesma teleconsulta de forma simplificada.

Trata-se de um software de código-aberto, que segundo o hospital permite transferência de tecnologia para outros serviços e projetos como a personalização de componentes.

“Essa solução foi desenvolvida justamente para concentrarmos em um mesmo espaço chamada de vídeo e prontuário clínico, permitindo o acompanhamento dos principais indicadores de sucesso entre os diversos projetos do PROADI-SUS e, assim, impactando a experiência dos nossos usuários”, explica Sabrina Dalbosco Gadenz, gerente de portfólio de projetos de saúde digital do Sírio-Libanês.

A plataforma foi adotada pelos projetos TeleNordeste, TeleUTI e Reab, que fazem parte do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do Sistema Único de Saúde (PROADI-SUS). O programa foi criado em 2009 para aprimorar o SUS por meio de projetos de capacitação de recursos humanos, pesquisa, avaliação e incorporação de tecnologias, gestão e assistência especializada demandados pelo Ministério da Saúde.

Reúneseis hospitais privados filantrópicos: oHospital Alemão Oswaldo Cruz; a BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo, o Hospital do Coração (HCor), o Hospital Israelita Albert Einstein, o Hospital Moinhos de Vento e o Hospital Sírio-Libanês.Os recursos vem da imunidade fiscal dos hospitais participantes.

Mangará

A ferramenta tem como fundamento promover cuidado integrado e dar aos gestores e solicitantes visão clara do impacto do projeto em seus territórios. No TeleNordeste, por exemplo, trouxe redução de encaminhamentos presenciais para a atenção especializada. Em junho deste ano, mais de 90% das consultas foram realizadas sem a necessidade de encaminhamento do paciente para um especialista presencial.

Até o momento, mais de 32 mil atendimentos já foram realizados por meio da Mangará desde o início do desenvolvimento em 2021. Pacientes localizados nas regiões norte e nordeste do país, principalmente em lugares de difícil acesso, foram atendidos. Em breve, diz o Sírio-Libanês, novas funcionalidades deverão ser incorporadas.

“O uso de plataformas de código aberto para apoiar a disseminação de uma saúde digital inclusiva é fundamental para democratizar o acesso aos serviços de saúde”, defende Sabrina.

Siga o IT Forum no LinkedIn e fique por dentro de todas as notícias!